

# HISTÓRIA

## do Mês

n.º 46 | outubro.18

### O Porto Romano da villa piscatória / conserveira da Boca do Rio



CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE VILA DO BISPO



Município  
Vila do  
Bispo

## O Porto Romano da villa piscatória / conserveira da Boca do Rio

Uma equipa de investigação luso-alemã formada por arqueólogos associados às Universidades do Algarve e de Marburgo, em parceria e com o apoio logístico e financeiro do Município de Vila do Bispo, descobrem, em setembro de 2018, o maior e melhor conservado porto romano identificado até hoje em Portugal.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na praia da Boca do Rio, na freguesia de Budens, no atual território concelhio de Vila do Bispo, no extremo sudoeste da antiga Europa, integram-se no âmbito do projeto de investigação plurianual “Boca do Rio - um sítio pesqueiro entre dois mares”, coordenado pelos Professores João Pedro Bernardes, do Centro de Estudos em Artes, Arqueologia e Património (CEAACP) da Universidade do Algarve, e Félix Teichner, da Universidade de Marburgo, encontrando-se sediado no Centro de Acolhimento à Investigação - Núcleo de Investigação Arqueológica de Vila do Bispo (CAI-NIA-VB), em Budens.

Encetado em 2017 e com uma duração de quatro anos, o projeto de investigação desenvolve-se em campanhas arqueológicas bisanuais, nos meses de março e de setembro. No terreno, os trabalhos de campo são dirigidos por Florian Herрман, aluno de mestrado da Universidade alemã de Marburgo, cujo tema da sua tese de investigação em arqueologia é precisamente o contexto da [villa lusitano-romana da Boca do Rio](#).

A investigação em curso tem por base um prévio levantamento ao nível do solo atual, realizado, em [março de 2017](#), através de uma série de sondagens não invasivas que recorreram ao cruzamento de diferentes métodos de prospeção geofísica, o que permitiu descortinar potenciais evidências de estruturas e de outras “anomalias” de origem humana ocultas no subsolo da zona.

Com esta inédita abordagem, que resultou numa espécie de “radiografia” da presumível área de ocupação, as escavações arqueológicas, entretanto realizadas, têm sido planeadas de forma “cirúrgica”, confirmando as anomalias geofísicas registadas e garantindo um considerável conjunto de [inéditas novidades](#) relativas à dimensão e à organização espacial e funcional daquele (cada vez mais) importante estabelecimento romano.

De facto, foram desenterradas e reveladas diversas estruturas de assinalável dimensão e em excecional estado de conservação, designadamente tanques de salga de peixe (cetárias - do Latim *cetariae*), embasamentos e paredes de edifícios fabris e de armazenamento, alguns com argamassas e estuques incrivelmente preservados, derrubes de paredes de taipa e de telhados de tégula e ímbrice (do Latim *tegulae* e *imbrex*), muros, sistemas de canalização e de drenagem, além de artefactos como mós, fragmentos de ânforas e de cerâmica utilitária, em especial *sigillatas*.

Na verdade, a descoberta deste importante sítio arqueológico de Época Romana não se deve aos arqueólogos. No dia 1 de novembro do ano de 1755 um poderoso tsunami, gerado pelo Grande Terramoto internacionalmente associado à cidade de Lisboa, além de um nefasto rasto de destruição, foi responsável pela (re)descoberta de uma *villa* romana junto à praia da Boca do Rio. A investigação arqueológica no local só teve início nos finais do século XIX, por via de inaugurais escavações científicas promovidas, entre 1877 e 1878, pelo ilustre pioneiro da investigação arqueológica no Algarve, [Sebastião Phillippes Martins Estacio da Veiga](#).

Passados cerca de 1500 anos após o abandono do sítio, entretanto “engolido por medos de areia”, passados 263 anos após a revelação, pelo tsunami de 1755, das esquecidas estruturas romanas, e passados 140 anos após a primeira campanha arqueológica na Boca do Rio, hoje podemos afirmar, com toda a segurança científica, que esta *villa* foi especializada na produção de preparados piscícolas, designadamente do famosos *garum* romano, cruzando a abundância e variedade do pescado e do marisco da costa sul, a qualidade do [sal](#) outrora extraído do estuário envolvente (Paul de Budens/Lontreira), o acesso direto à grande via de circulação marítima do Mediterrâneo (*Mare Nostrum*) e a relação de complementaridade com outros estabelecimentos romanos da região, em particular do Martinhal, uma *villa* por sua vez especializada na subsidiária produção anfórica de contentores de armazenamento e transporte dos produtos conserveiros oriundos, sobretudo, da Boca do Rio.

O *garum*, o *liquamen* e o *linfatum* eram géneros de molho ou condimento muito apreciados na Antiguidade Clássica, em particular durante o Período e em todo o Império Romano. Resultava de longas salmouras que combinavam sangue, sangacho, vísceras e outras partes selecionadas do atum ou da cavala, misturadas com peixes mais pequenos, crustáceos e moluscos macerados, aos quais se adicionavam ervas aromáticas ou especiarias. As salmouras duravam cerca de dois meses e eram produzidas ao sol, em tanques denominados de cetárias (*cetariae*). Além destes molhos, as salmouras produziam uma pasta denominada de *muria*, rica em proteínas, aminoácidos e vitamina B. Aos restos e sedimentos depositados no fundo dos tanques dava-se o nome de *allex*.

Nos estuários da costa da *Lusitania* foram produzidos os melhores *garum* e *liquamen*, produtos que eram armazenados em contentores anfóricos de transporte e exportados por via marítima para todo o Império, sendo apreciados enquanto iguaria *gourmet*, um autêntico luxo que atingia valores exorbitantes para a época (6,5 l - 1000 denários).

Situando-se atualmente em zona seca, a [estrutura portuária](#) recentemente descoberta, manifestado um estado de conservação verdadeiramente excepcional à escala do antigo Império Romano, integra um imponente cais em silharia de calcário, com mais de 40 metros de extensão, de onde sobressaem pedras perfuradas para amarração de embarcações de baixo calado, uma rampa e uma escadaria de acesso às águas do antigo paleoestuário.

Durante o Período Romano o mar entrava terra dentro, formando uma extensa laguna, o atual Paul da Boca do Rio, em cuja margem direita se desenvolveu o importante complexo de transformação de preparados de peixe, sobretudo a partir de finais do século II d.C., servido pelo [porto agora descoberto](#).

Todo este complexo industrial e respetivo porto faziam parte da *villa* marítima, com uma grande casa voltada ao mar de onde se tem recolhido diversos [mosaicos](#), estuques pintados e muitos outros objetos que documentam a vida quotidiana e as atividades destes nossos longínquos antepassados.

O sítio pesqueiro/conserveiro romano foi abandonado na primeira metade do século V, voltando a ser ocupado com uma armação de pesca do atum no século XVI e, de novo, após o tsunami de 1755, já no século XVIII. Estas armações da Época Moderna (re)aproveitaram as estruturas romanas, previamente fundadas nas dunas, para aí edificar os edifícios “pombalinos” que ainda hoje se podem observar no local.

As [armações ou almadravas](#) dedicavam-se à pesca do atum de direito e de revés, constituindo uma importantíssima atividade económica regulada por direito senhorial da Coroa Portuguesa. Na segunda metade do século XVIII o Marquês de Pombal criou um instituto estatal, de carácter monopolista, para melhor controlar esta atividade, a *Companhia Geral das Reais Pescarias do Reino do Algarve*.

O sítio da Boca do Rio, conhecido internacionalmente por ser um dos locais que melhor preserva o registo do tsunami que se seguiu ao terramoto de 1755 e que arrasou Lisboa, Cádiz (em Espanha) e boa parte da costa algarvia, reserva, ainda, um enorme interesse geológico.

Tratando-se de um projeto pluridisciplinar, e no âmbito de Protocolo de Colaboração firmado em outubro de 2014 entre o Município de Vila do Bispo e a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, a área palustre da Boca do Rio também tem sido alvo de investigação na área da Geoarqueologia, promovida pelos Professores César Andrade e Pedro Costa.

Além dos descritos vestígios arqueológicos, o paleoestuário da Boca do Rio preserva exemplares [registos do tsunami](#) produzido pelo grande terramoto de 1755, reconhecidos como significativos Casos de Estudo à escala global. Conhecido mundialmente por “Grande Terramoto de Lisboa”, esta colossal catástrofe natural foi, dentro do seu género, a mais violenta registada em Portugal nos últimos 3000 anos, sendo um dos 10 mais potentes abalos sísmicos assinalados mundialmente, desde que existe registo científico!

Necessariamente, no final de cada campanha arqueológica na Boca do Rio, todas as escavações e evidências arquitetónicas descobertas são novamente cobertas com areias, por questões de segurança pessoal e de conservação das estruturas, aguardando pela concretização, num futuro breve, de um merecido projeto de valorização museológica e de justa partilha sociocultural desta incrível herança coletiva do passado humano da região.

Até lá, resta-nos partilhar os registos e a informação coligida nas investigações desenvolvidas, por exemplo, através deste [vídeo documental](#).

texto e fotografia de Ricardo Soares  
arqueólogo da Câmara Municipal de Vila do Bispo

